
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

COMO PERSONAGENS NEGRAS NA LITERATURA INFANTIL VÊM SENDO ESTUDADAS? INVESTIGANDO CATEGORIAS DE ANÁLISE

Débora Cristina de Araujo¹ (UFES)

Recebido em 28 de março de 2025; aprovado em 9 de julho de 2025.

RESUMO: O artigo tem como foco investigativo os modos de caracterização de personagens negras na literatura infantil. Dois foram os objetivos do estudo: identificar como as obras literárias com protagonismo negro têm sido estudadas e categorizadas em artigos publicados em periódicos nacionais entre 2020 a 2025; unir-se a tais estudos propondo, também, categorias de análise fundamentadas em algum acúmulo teórico de pesquisa na área. Por meio da proposta metodológica do estado de conhecimento, oito artigos foram selecionados para a análise das categorias. Relacionado ao segundo objetivo, quatro tendências (ou categorias) contemporâneas foram propostas: “Continente africano: pluralidade versus unidade”; “Conflitos do universo infantil”; “Valorização da estética e da identidade negra”; “Ancestralidade e resistência”. Os resultados acenaram para uma multiplicidade interpretativa da literatura infantil com protagonismo negro, demonstrando avanços em relação a períodos anteriores. E as quatro categorias ou tendências propostas abordam, cada uma a seu modo, a diversidade temática e o amplo leque de possibilidades que se desdobra para as personagens negras na contemporaneidade. Por fim, o estudo ressaltou a necessidade de defesa intransigente da qualidade literária atrelada à valorização humana.

PALAVRAS-CHAVE: literatura infantil; protagonismo negro; categorias.

¿CÓMO SE HAN ESTUDIADO LOS PERSONAJES NEGROS EN LA LITERATURA INFANTIL? INVESTIGACIÓN SOBRE CATEGORÍAS DE ANÁLISIS

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo investigar las formas de caracterización de los personajes negros en la literatura infantil. Se establecieron dos objetivos centrales: identificar cómo las obras literarias con protagonismo negro han sido estudiadas y categorizadas en artículos publicados en revistas académicas nacionales entre 2020 y 2025; y sumarse a tales investigaciones proponiendo también categorías de análisis fundamentadas en un acervo teórico acumulado en el área. Mediante la propuesta metodológica del estado del conocimiento, se seleccionaron ocho artículos para el análisis de categorías. En relación con el segundo objetivo, se propusieron cuatro tendencias (o categorías)

¹ deboraaraujo.ufes@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0001-8442-3366>



contemporâneas: “Continente africano: pluralidad versus unidad”; “Conflictos del universo infantil”; “Valorización de la estética y la identidad negra”; “Ancestralidad y resistencia”. Los resultados señalaron una multiplicidad de interpretaciones en la literatura infantil con protagonismo negro, lo que evidencia avances en comparación con períodos anteriores. Las cuatro categorías o tendencias propuestas abordan, cada una a su manera, la diversidad temática y el amplio abanico de posibilidades que se despliegan para los personajes negros en la contemporaneidad. Finalmente, el estudio destacó la necesidad de una defensa intransigente de la calidad literaria vinculada a la valorización humana.

PALABRAS CLAVE: literatura infantil; protagonismo negro; categorías.

HOW ARE BLACK CHARACTERS IN CHILDREN’S LITERATURE BEING STUDIED? INVESTIGATING CATEGORIES OF ANALYSIS

ABSTRACT: The article investigates the modes of characterization of Black characters in children’s literature. The study had two main objectives: to identify how literary works featuring Black protagonists have been studied and categorized in articles published in national journals between 2020 and 2025; and to contribute to this body of research by also proposing analytical categories grounded in an established theoretical framework within the field. Using the state-of-the-art methodological approach, eight articles were selected for category analysis. In relation to the second objective, four contemporary trends (or categories) were proposed: “The African Continent: Plurality vs. Unity”, “Conflicts in the Child’s Universe”, “Appreciation of Black Aesthetics and Identity”, and “Ancestry and Resistance”. The findings indicate a diverse interpretative approach to children’s literature featuring Black protagonists, demonstrating progress compared to previous periods. Additionally, the four proposed categories or trends each address, in their own way, the thematic diversity and the broad range of possibilities that unfold for Black characters in contemporary literature. Finally, the study underscores the imperative of unwavering advocacy for literary quality alongside the appreciation of human values.

KEYWORDS: children’s literature; Black protagonism; categories.

CAMINHOS JÁ PERCORRIDOS

Se compararmos, entre o século passado e as duas primeiras décadas deste, as discussões promovidas sobre a presença negra na literatura brasileira, é facilmente possível reconhecer mudanças significativas, a começar pela própria teoria literária produzida por intelectuais negros/as. Concordando com Cuti (2010), falar e ser ouvido é um ato de poder, mas escrever e ser lido também o é, o debate passa a ganhar robustez quando não somos mais objetos e sim sujeitos, como enfatiza Grada Kilomba: “Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita” (2019: 28).

Disso derivam conceituações caras à literatura, como o conceito de “escrivência”, forjado por Conceição Evaristo:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas

tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. (2020: 30)

Essa apropriação se dá também no nível conceitual. Além da “Escrivivência”, outro conceito significativo é o proposto por Cuti: a “Literatura negro-brasileira”, como aquela que “nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil” (2010: 44). Nessa dimensão, a autoria negra é premissa. Derivado desse conceito, Kiusam de Oliveira propõe a “Literatura Negro-Brasileira do Encantamento”, cuja principal característica são as crianças “que precisam se encantar pelos próprios corpos negros apesar de se sociabilizarem em contextos violentos e racistas” (Oliveira 2020: s/p). Para a autora, “uma história bem narrada a partir de personagens que retratem histórias reais vivenciadas nos cotidianos infantis de todas as crianças, negras e não-negras – é fundamental para a elevação da autoestima e promoção do bem-estar físico, mental, psíquico e espiritual de todas as crianças” (Oliveira 2020: s/p).

Também direcionando o foco para a literatura infantil e juvenil, Eliane Debus caracteriza a produção disponível no Brasil como: literatura afro-brasileira, que considera a autoria brasileira e negra; literatura africana, categoria que engloba livros produzidos por escritores/as africanos/as, independentemente do pertencimento racial; e literatura de temática da cultura africana e afro-brasileira, “uma literatura que traz como temática a cultura africana e afro-brasileira, sem focalizar aquele que escreve (a autoria), mas sim o que tematiza” (2017: 26).

Para o que se pretende discutir neste artigo, centralizado na literatura infantil, a terceira conceituação de Debus (2017) é a que mais se adequa, pois, diferentemente da literatura endereçada ao público adulto, o universo da produção literária para crianças não seguiu, necessariamente, a mesma tendência de uma autoria negra predominando nas publicações com protagonismo negro. Nem sempre foram ou são as pessoas negras que mais publicam obras com protagonismo negro e isso é reflexo de uma indústria livresca seletiva e racista na composição de seus quadros, sejam de escritores/as como de ilustradores/as (Araujo 2017). Tomando tal demarcação como premissa, sigo discutindo sobre os modos com que personagens negras são caracterizadas na literatura infantil.

À medida que estamos avançando na segunda metade da atual década, é possível reconhecer, nesse gênero literário, um gradativo aumento na quantidade de obras que tematizam personagens negras em protagonismo. Tal aumento, no entanto, não é necessariamente motivo de comemoração diante da desproporcionalidade de publicações anuais brasileiras (ou traduções) em relação à quantidade de obras protagonizadas por personagens brancas, a despeito de o Brasil ser composto de maioria populacional negra.

À parte tal constatação, é possível – aí, sim, sem ressalvas – reconhecer um gradativo aumento na quantidade de pesquisas que vêm analisando obras literárias infantis com a experiência estético-narrativa sendo centralizada em crianças e adultos/as negros/as. Esse panorama destoa de um estudo anterior realizado por mim em nível de pós-doutorado (Araujo 2017) em que investiguei em seis teses e 36 dissertações publicadas na primeira década deste século como a diversidade étnico-racial se fazia presente na produção literária infantil e juvenil. Constatei, à época, pouca consolidação de estudos devido a alguns fatores: a) ausência de continuidade, em nível de doutorado, de pesquisadoras que realizaram estudos sobre o tema no mestrado; b) baixa quantidade de pesquisas em programas de pós-graduação com tradição e prestígio na investigação sobre literatura infantil; b) entre maioria dos/as orientadores/as, o pouco ou nenhum nível de *expertise* ou no tema das relações étnico-raciais ou no tema da literatura; c) carência de referenciais teóricos específicos da literatura infantil e juvenil para embasar análises sobre racismo e demais aspectos das relações étnico-raciais; d) baixa representatividade desses estudos em relação ao total de teses e dissertações produzidas anualmente nas áreas de Educação e Letras.

Por fim, outra característica que se mostrou latente naquele levantamento foi como os estudos que analisaram ou autores/as racistas, como Monteiro Lobato, ou obras polêmicas, como *Menina bonita do laço de fita* (Machado 2008), apresentavam variações interpretativas: o nível de conhecimento e interpretação do racismo e de como as relações raciais se constituem na sociedade brasileira foi determinante para a análise das obras (texto verbal) e, inclusive, das ilustrações. Assim, enquanto uma dissertação ou tese identificava determinada obra como racista, apresentando argumentos fundamentados, outro estudo fazia o mesmo de modo contrário: negando o racismo ou a estereotipia. No entanto, os argumentos de defesa de obras racistas eram mais fragilizados, pois giravam em torno da ideia de tradição ou de desimportância do racismo (Araujo 2017).

Pelo levantamento que será aqui apresentado, realizado em um período mais recente (2020-2025) e envolvendo apenas artigos de periódicos, é possível reconhecer não somente maior criticidade nas análises como também mais adensamento argumentativo para identificar avanços ou estagnações na caracterização de personagens negras na literatura infantil. Portanto, se antes a literatura infantil era pouco investigada em sua interface com a raça, hoje o aumento se revela não somente quantitativo, mas também em aprofundamento teórico. Mas um aspecto desses avanços que mais chamou a atenção e que despertou o interesse deste estudo é a percepção de que houve, também, uma ampliação do escopo interpretativo, ou seja, nos modos de analisar e categorizar as obras.

Diante disso, este artigo tem dois objetivos: identificar como as obras literárias com protagonismo negro têm sido estudadas e categorizadas; unir-se a tais estudos propondo, também, categorias de análise fundamentadas em algum acúmulo teórico de pesquisa na área.

A seção seguinte descreve os procedimentos metodológicos para a seleção dos artigos. Posteriormente, tais estudos serão apresentados no que interessa a este es-

tudo (as categorias neles presentes) para, ao final, propor também categorias a partir do que chamarei de “tendências contemporâneas”.

UM BREVE ESTADO DE CONHECIMENTO

Considerando o que conceituam Marília Morosini e Cleoni Fernandes (2014: 155), a proposta metodológica do estado de conhecimento contribuiu para este estudo pois se refere à “identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica”. Por buscar especialmente “o novo” na produção acadêmica, tal proposta foi escolhida.

O interesse inicial deste estudo era de analisar como o protagonismo negro vinha sendo captado pelas pesquisas. Para tanto, elenquei os seguintes descritores combinados a partir de operadores booleanos: “literatura infantil” AND “personagens negros” OR “personagens negras” OR “personagem negro”. A fonte de busca foi o Google Acadêmico, com o recorte temporal 2020-2025, apontando 33 trabalhos sem qualquer filtro, seja tipológico (TCC, artigo, tese, ou dissertação) ou de natureza (anais de evento ou publicação em periódicos). Diante da amplitude dos dados, para este texto a escolha foi de selecionar apenas artigos que, além de discutirem literatura infantil e personagens negras, também já considerassem as obras interpretadas de modo categorial. Este é “o novo” do estudo. Ressalvo que não filtrei os artigos pela classificação Qualis e nem pela área de conhecimento, embora tenham predominado produções de periódicos das Ciências Humanas e Letras.

Para chegar aos oito trabalhos que serão apresentados a seguir, as quatro etapas do estado de conhecimento, propostas por Marília Morosini, Lorena Nascimento e Egeslaine de Nez (2021), foram seguidas:

1) Bibliografia Anotada: levantamento preliminar e “leitura flutuante”, buscando identificar informações importantes como ano de publicação, autoria, título da pesquisa e resumo.

2) Bibliografia Sistematizada: organização e sistematização mais apuradas com o intuito de selecionar trabalhos mais específicos e de, eventualmente, descartar aqueles que não demonstram proximidade com o tema de investigação. Nessa etapa, houve o descarte de 25 trabalhos devido, primeiramente, à característica tipológica, já que o foco eram somente artigos publicados em periódicos. Dentre os artigos, a seleção não considerou aqueles que: não apresentavam categorias; analisavam apenas uma obra; apresentavam grandes fragilidades analíticas. Sobre este último aspecto cabe destacar que apenas os trabalhos que, de modo explícito, demonstravam fragilidades foram desconsiderados, mas pesquisas que apresentavam análises de obras que, por vezes, destoam da minha interpretação, foram mantidas.

3) Bibliografia Categorizada: categorização dos estudos de acordo com suas afinidades temáticas.

4) Bibliografia Propositiva: análise e interpretação dos dados presentes nos estudos com vistas a propor novas abordagens e direções para futuras investigações. É nessa etapa que a proposta de novas categorias será apresentada.

O QUE MOSTRAM OS ESTUDOS

Foram vários os modos de categorização das obras ou de como as personagens negras aparecem nas obras, conforme veremos a seguir. A apresentação dos trabalhos não seguirá uma ordem cronológica, e sim temática.

Simone Pereira e Iracema Nascimento (2020) investigaram em obras literárias contemporâneas com protagonismo negro a contribuição desses livros para a desnaturalização de lógicas colonizadoras e dualistas como o belo e o grotesco, o bem e o mal e o certo e o errado. Para tanto, analisaram duas obras de Kiusam de Oliveira (*Om̃-oba: histórias de princesas* e *O mundo no black power* de Tayó). A partir das obras analisadas foi possível depreender o reconhecimento da categoria “superação da história única”, já que, de acordo com as autoras, a identidade feminina negra das personagens provoca e contribui para a ampliação “das possibilidades de corpos femininos para além daqueles das tradições cristãs e das princesas ocidentalizadas, amplamente difundidas nos últimos séculos no Brasil e no mundo” (Pereira; Nascimento 2020: 485), além de mobilizarem “discursos de africanidades e negritudes para o empoderamento da criança negra” (Pereira; Nascimento 2020: 481).

Também centralizando a análise em personagens femininas negras, o artigo de Ayodele Silva, Maria Fernanda Luiz e Anete Abramowicz (2022) refletiu, a partir das ilustrações e do texto em 10 obras literárias, sobre o lugar da menina negra na literatura infantil e juvenil. Uma categoria foi a voz das personagens de modo realçado: “Nesses livros, as meninas negras são apresentadas positivamente pelo narrador, possibilitando à criança leitora, negra ou não, perceber o tratamento respeitoso para com as meninas negras e o enaltecimento da estética dessas personagens” (Silva; Luiz; Abramowicz 2022: 1678). Outra categoria destacada no estudo é o espaço: “Nas obras infantis em questão, o espaço é o lugar físico onde as meninas vivem suas experiências, relacionam-se com pessoas e afirmam-se por meio de suas vozes (Silva; Luiz; Abramowicz 2022: 1679) e nesse espaço físico a liberdade foi uma marca.

Em contrapartida, as personagens masculinas negras também foram investigadas sob diversas perspectivas. Direcionada à análise de um quantitativo de mais de duas centenas de obras, o estudo de Mônica Todaro e Alesandra Carvalho (2023) teve como objetivo “compreender o cenário de livros de literatura infantil que apresentem personagens negros e/ou a cultura e a história afro-brasileira e africana” (Todaro; Carvalho 2023: 1). Dentre as editoras selecionadas para a busca das obras, chama atenção a baixa quantidade de livros literários com personagens negras em posição

de destaque, aspecto que destaquei no início deste artigo: “Podemos perceber que a somatória geral das editoras Saraiva e Cultura totalizou 1.794 livros. Desse montante, 88 obras apresentavam as culturas e histórias africana e afro-brasileira e/ou personagens negras, ou seja, apenas 4,9% dos livros” (Todaro; Carvalho 2023: 11). As categorias depreendidas do estudo são: a presença dos contos e recontos africanos, mesmo quando o pertencimento negro das personagens não se dava na capa dos livros; situações cotidianas vivenciadas por personagens negras infantis ou adultas; identidade negra, cabelo crespo e cor de pele; predominância masculina sobre a feminina como personagens (Todaro & Carvalho 2023), dado que se revela novo em relação a estudos anteriores que vinham identificando uma sub-representatividade masculina negra em detrimento da feminina.

É o caso, por exemplo, do estudo de Débora Araujo, Geane Damasceno e Regina Alcântara (2020), que analisou seis livros publicados entre o final do século passado e o início deste século que têm como protagonistas meninos negros. Duas categorias foram identificadas: a) nas obras mais antigas predominou o menino negro com sua voz e identidade vilipendiadas; b) nas mais recentes, altivez e sapequice, como marca de infâncias mais saudáveis e comuns aos direitos de qualquer criança.

Aliado à paternidade, outro estudo de Débora Araujo e Luís Thiago Dantas objetivou analisar o lúdico expresso na poética de Lázaro Ramos em duas obras infantis: *Caderno de rimas do João* e *Caderno sem rimas da Maria*. A categoria elencada, a partir do eu-lírico enunciado nas obras, é do “pai-lírico”, considerando a voz do autor que assina as obras inspiradas nas crianças de/em sua vida. Esse movimento marcado pelo princípio de *erê* (a criança que habita cada ser humano) e pelo conceito de infancialização é que destacou essa dubiedade entre autor-criança e autor-pai (Araujo & Dantas 2020).

Muitos dos artigos da busca tematizaram as contribuições da literatura para a formação identitária das crianças negras ou para a valorização de sua autoestima. É o caso do estudo de Marília Sousa e Roseane Silva (2023). Analisando oito obras de literatura infantil, escritas por mulheres negras e com protagonistas negras/os, as autoras as categorizaram em três modos: 1) “A estética negra nas narrativas infanto-juvenis”, em que o corpo e o cabelo, embora sejam os principais alvos de estereotipia nas tramas, são eles elementos estéticos que se tornam símbolos da identidade negra; 2) “Reconhecimento enquanto negro/negra”, em que as autoras identificaram a problemática que envolve, para as personagens, o momento da mudança ou não de percepção de si e do mundo durante a trama. 3) “Resistência às opressões: tradição, ancestralidade e representatividade” foi a terceira categoria e se relaciona à importância do resgate das raízes do povo negro, como forma de “possibilidade para o conhecimento de uma cultura ancestral, a qual foi uma das fundadoras da cultura brasileira”, de tal modo que “as pessoas negras consigam manter as ligações necessárias para o seu autorreconhecimento e sua autoestima” (Sousa & Silva 2023: 9).

Interessa também compreender como o pertencimento étnico-racial vem sendo estudado e o artigo de Cristiane Pestana e Marcos Vinicius Oliveira (2020) discutiu um aspecto pouco investigado no corpus: “a predominância de ilustrações que tra-

zem uma representação mestiça/morena em detrimento da negra retinta” (Pestana & Oliveira 2020: 150). Este estudo apresentou elementos novadores ao problematizar obras que, para outros estudos, foram consideradas positivas. No caso em questão, a pesquisa analisou 30 livros e, destes, selecionou alguns para “exemplificar a predominância de ilustrações que trazem uma representação mestiça/morena em detrimento da negra retinta” (Pestana & Oliveira 2020: 150). Chama a atenção, por exemplo, a obra *O menino Nito*, “em que todos os personagens são exatamente da mesma cor (pai, filho, mãe e o médico que vem atender o menino). Todos coloridos com o mesmo tom de marrom claro, sem que haja nenhuma variação sequer, o que seria na prática quase impossível de acontecer” (Pestana & Oliveira 2020: 158).

A análise também ressaltou que a intenção não era de “criticar a arte da ilustração, mas sim entender a recorrência de branquearem a cor dos negros em muitos livros infantis, inclusive nos livros que retratam a África” (Pestana & Oliveira 2020: 159). Diante da discussão do artigo, uma categoria que se destaca é o modelo “morenizado” nas ilustrações de obras com personagens negras, o que atua, de acordo com a autora e o autor, para reforçar que o processo branqueamento do país “ainda vigora como forma ideológica de representação, pois no imaginário coletivo ele continua a orientar a qualificação, quantificação e, principalmente, a segregação” (Pestana & Oliveira 2020: 166).

Em análise das obras *Sulwe*, de Lupita Nyong’o, e *Ombela: a origem das chuvas*, de Ondjaki, que abordam aspectos relacionados ao pertencimento, ancestralidade africana, fantástico e tradição, Débora Araujo e Thiara Oliveira (2021) identificaram uma categoria ligada à fruição literária, tanto pela qualidade estética mobilizada pelos jogos metafóricos, delicadeza no trato das personagens e desfecho das narrativas, quanto por acionar “elementos de resgate e de realce positivo da cultura africana, as quais podem colaborar para a aproximação do leitor com outras formas de existir, de ser e de explicar as relações humanas e seus entraves” (Araujo & Oliveira 2021: 79).

Esse breve levantamento reitera a multiplicidade interpretativa da literatura infantil com protagonismo negro destacada no início deste artigo. A seção seguinte pretende unir-se a essa multiplicidade apresentando outras categorias, elaboradas a partir de tais estudos e do acúmulo de pesquisas na área.

TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS: PERSONAGENS NEGRAS EM MOVIMENTO

Pela amostra da seção anterior é possível dimensionar como o mercado editorial, diretamente afetado pelas políticas educacionais (dentre elas os programas e ações de aquisição de livros literários para as escolas brasileiras), sofreu agitação nos últimos anos e, por isso, além do aumento, um maior cuidado na caracterização das personagens negras. Buscando compreender essa movimentação, é que as categorias, ou tendências, a seguir são pensadas.

A primeira categoria aqui proposta chamo de “Continente africano: pluralidade versus unidade”. Com uma gradativa ampliação no número de obras africanas que chegam ao Brasil, ou produzidas aqui e que tematizam contextos africanos, qualquer tentativa de categorizá-las de modo sucinto pode incidir em equívocos. No entanto, algumas características podem ser destacadas de modo que, ao menos provisoriamente, seja possível pensar nessa categoria, tais como: o modo com que as obras publicadas originalmente em países africanos chegam ao Brasil, em grande maioria chanceladas por premiações intercontinentais, especialmente pela Europa, conforme discutiram Araujo, Damasceno e Alcântara (2020); outra característica é que, se por um lado são obras que mostram uma multiplicidade africana, muitas delas incluindo mapas do continente ao final da obra e destacando o país de origem da história, ainda assim prevalece uma África “apenas em sua face camponesa, pouco tecnológica e pobre”, como argumenta Felipe Martins Lopes (2024: 9). Nesse sentido, o autor acrescenta: “Ausências de literaturas infantis cujo enredos se passam em grandes cidades e a pouca exploração da relação entre África, africanos e tecnologia contemporânea pode indicar que a imagem do continente ainda esteja ligada a um certo primitivismo” (Lopes 2024: 10).

Mas é possível ponderar essa dimensão reconhecendo sua outra face intensa: a vinculação das histórias à tradição. Aí, outros elementos se destacam, como a ligação com a ancestralidade, com o fantástico e com o mundo espiritual. Por isso, o realce, no título dessa categoria (por meio da palavra “versus”), sobre essa oscilação e dubiedade entre pluralidade e unidade, pois, ao mesmo tempo que são livros que possam incidir no “perigo da história única” (Adichie 2009), de outro lado apresentam, em sua maioria, aspectos culturais, históricos e sociais caros a diversas tradições africanas. Sem condições (devido aos limites do texto) de analisar obras, exemplificando como opera essa categoria ou tendência, destaco alguns títulos: *O rei mocho* (2016), de Ungulani Ba Ka Khosa; *Diarabi e Mansa* (2016), de Souleymane Mbodj; *Kalimba* (2015), de Maria Celestina Fernandes; *Irmã-estrela* (2021), de Alain Mabanckou.

A segunda categoria destoa da primeira devido, especialmente, ao contexto geográfico e cultural. Chamo de “Conflitos do universo infantil” a categoria que reúne livros que tematizam contextos cotidianos comuns a qualquer criança, com a especificidade de serem personagens negras as protagonistas. E em muitos casos, as demais personagens também são negras.

Mas não somente isso: nessa categoria predominam as crianças como protagonistas e nela estão presentes dois aspectos caros: a qualidade de vida e os vínculos familiares sólidos e construídos com base no afeto. São aspectos que, historicamente, não compuseram a condição de representatividade de personagens negras, mesmo sendo elas crianças ou jovens, como discute Maria Cristina Gouvêa (2005). Então, as histórias, que podem inclusive ser estrangeiras, reúnem contextos em que no clímax se revelam desafios à criança, tais como: ciúmes de um irmão mais novo; ter que dividir um brinquedo; a partida da mãe para o trabalho; o primeiro dia de aula, entre outros.

No entanto, nessa categoria a única informação que atestaria o pertencimento racial negro das personagens é a ilustração e não o texto verbal. Então, ao mesmo tempo que essa tendência ressalta, nos livros, uma multiplicidade de experiências vivenciadas por personagens negras, evidenciando que não é apenas por intermédio da racialização que existimos no mundo, a não demarcação textual do pertencimento racial das personagens cria um futuro incerto, levando a duas perguntas (arriscadas e com eventuais respostas decepcionantes): há a garantia de, em edições futuras, uma obra que se enquadre nessa tendência (e só o é por retratar personagens negras ilustradas em condição de valorização), continuar sendo ilustrada com personagens negras? Ou é possível, a depender dos interesses editoriais, que todas as ilustrações sejam refeitas e o protagonismo negro provavelmente desapareça? A título de exemplo, uma obra literária recorrentemente citada nos estudos da seção anterior e que pode ser classificada nessa categoria já teve uma publicação em outro país/território (Galiza) e seu protagonista, antes um menino negro, lá é um menino ruivo: trata-se de *O menino Nito* ou, *O meniño Nito*, cuja ilustração da capa está disponível em linha².

Independentemente dessas ressalvas, essa categoria é bastante recorrente no mercado editorial brasileiro e por isso há a necessidade da compreensão de suas principais características.

Novamente sem o espaço para análise, destaco exemplos de livros categorizados como “Conflitos do universo infantil”: *O quintal das irmãs* (2024), de Waldete Tristão; *A mãe que voava* (2018), de Caroline Carvalho; *Meia curta* (2020), de Andreza Félix; *Sábado* (2021), de Oge Mora; *Eu também* (2021), de Patricia Auerbach; *De passinho em passinho* (2021), de Otávio Junior, entre outras.

A terceira categoria denomino de “Valorização da estética e da identidade negra”. A principal diferença entre a anterior e esta é que o pertencimento racial negro das personagens é demarcado também no texto verbal, impedindo os eventuais riscos acenados na categoria anterior. Ainda que, eventualmente, as personagens possam ser “morenizadas” (Pestana & Oliveira, 2020) rumo a uma padronização branqueadora, o realce verbal ao seu pertencimento pode garantir a permanência ao menos dentro do escopo da negritude como pertença racial. Além disso, conforme defende Regina Dalcastagnè, a demarcação verbal é importante para “envolvê-la em sua realidade social ou ela não parecerá viva – pretensão que a literatura não pode descartar” (2008: 207).

As obras dessa categoria tendem a realçar temas como o cabelo crespo, a cor da pele escura, o sorriso e outros atributos de corpos negros, sempre no sentido de enfatizar sua beleza, orgulho e altivez. Em raros casos, a demarcação pode até não ser feita pelos traços fenotípicos, mas por elementos culturais, como a vinculação da personagem protagonista e sua família com o samba ou com a ancestralidade, especialmente por meio dos orixás, o que induz a racializarmos as personagens pela leitura, além de elas já estarem ilustradas como negras. Por algum período, nessa categoria predominavam apenas protagonistas femininas (especialmente meninas), mas nos últimos anos tem aumentado também entre os meninos. Exemplos: *Iori des-*

² <https://baiaedicions.gal/infantil-xuvenil/107-o-meni-o-nito.html>

cobre o sol – o sol descobre Iori (2015), de Oswaldo Faustino; *O Pequeno Príncipe Preto* (2020), de Rodrigo França; *Themba: o menino rei* (2022), de Marcos Cajé; *Princesas negras* (2018), de Ariane Celestino Meireles e Edileuza Penha de Sousa; *Menina Nicinha* (2021), de Evelyn Sacramento; *Sapatinho de Makota* (2022), de Janaína de Figueiredo.

Denomino de “Ancestralidade e resistência” a última categoria aqui proposta. Reúne obras que abordam narrativas míticas que tratam de temas como: a origem do mundo pela perspectiva de alguma população tradicional africana; a mediação de conflitos envolvendo a intervenção de ancestrais ou antepassados; a resiliência dos povos africanos, tanto em seus territórios de origem quanto na diáspora atravessada pela proteção dos espíritos. Os enredos frequentemente incluem personagens com características sobrehumanas, dotadas de poderes mágicos ou detentoras de uma sabedoria ancestral. Além disso, as divindades desempenham um papel central ao auxiliar seus descendentes na superação de desafios e na resolução de conflitos.

De maneira mais ampla, as abordagens das obras dessa tendência representam o encontro de três dimensões fundamentais: 1) os mitos fundadores, que, na tradição africana, orientavam as gerações mais na resolução dos problemas; 2) quando são obras cujo contexto se passa no Brasil, envolve a experiência do racismo, elemento estruturante na trajetória da população negra; 3) a resistência, característica essencial das comunidades negras na diáspora. Dessa forma, essas produções não apenas reafirmam a memória e a identidade africana, mas também promovem a reconciliação e o fortalecimento de sua história.

Destaco, como exemplo: *Tunde e as aves misteriosas* (2020), de Ana Fátima; *O mar de Manu* (2021), de Cidinha da Silva; *Beata, a menina das águas*, de Elaine Marcelina (2021); *As garras do leopardo* (2013), de Chinua Achebe; *A árvore da chuva* (2016), de Agnes de Lestrade; *Ashanti: nossa pretinha* (2021), de Taís Espírito Santo.

As quatro categorias ou tendências aqui propostas abordam, cada uma a seu modo, a diversidade temática e o amplo leque de possibilidades que se desdobra para as personagens negras na contemporaneidade. Considero que não se trata de modelos estanques ou fixos, mas sim de características predominantes que as fazem ser reconhecidas em alguma tendência mais do que em outra. Mas mesmo assim, várias outras poderiam ser propostas, como obras que avancem para outras idades do espectro da infância ou da juventude, ou, ainda, que proponham enredos fantásticos mesclando com a tecnologia, como o afrofuturismo, discutido em estudos como o de Aisha Tuanny Jureswski (2024) e George Lima (2024), entre outras.

O que mais se realça desse exercício é que a mesma multiplicidade que nos compõe, como população negra, vem se fazendo cada vez mais presente na produção literária endereçada às crianças, o que fomenta o argumento inicial deste artigo sobre a retomada da escrita para si ou sobre si. Por mais que o recorte racial dos/as autores/as não tenha sido enfatizado, predominou, nos exemplos aqui citados, a autoria negra ou ao menos feita por pessoas brancas, mas comprometida com a caracterização de personagens negras em contextos de humanização e de valorização.

POR MAIS E MAIS HISTÓRIAS

O cenário apresentado neste estudo realçou avanços na produção literária e na pesquisa sobre personagens negras na literatura infantil. Ainda que, como ressaltado anteriormente, haja limites em relação à proporcionalidade da representatividade negra, é inegável uma ampliação no leque da nossa humanidade. Acessar obras literárias de valorização dos diversos grupos humanos que compõem este país é enriquecedor para todas as pessoas, em especial para as crianças que estão em processo de formação do seu repertório cultural, estético e literário. Todo mundo ganha quando sua população é representada com valorização e, ao contrário, todo mundo perde quando a produção artística, como é o caso da literatura e de seus campos de pesquisa, permanece monocromática e monotemática.

As reflexões aqui propostas foram no sentido de não apenas realçar esse panorama em franco crescimento, mas também de provocar mais pesquisas e pesquisadoras/es engajados/as, bem como, e principalmente, mais autoras e autores, bem como mais editoras. Outros cruzamentos poderiam ter sido feitos e merecem atenção de estudos futuros como: quais editoras, nos últimos cinco anos, vêm publicando mais? Mantêm-se os resultados dos estudos anteriores ou há uma maior pulverização de editoras comprometidas com a diversidade étnico-racial do país em seus catálogos? Da mesma maneira: qual a faixa etária das personagens? Poderíamos lançar mão das mesmas categorias propostas por mim ou dos estudos aqui arrolados para outras faixas etárias (como a adolescência)?

Esses são alguns exemplos que mereciam atenção, além da necessidade de defesa intransigente da qualidade literária atrelada à valorização humana. Em outras palavras, é imprescindível mais gente que defenda que só é literatura de qualidade quando ela representa a diversidade étnico-racial deste país em sua potência.

OBRAS CITADAS

ACHEBE, Chinua. *As garras do leopardo*. Ilustrações de Mary Grandpré. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2013.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. The danger of a single story. *Technology, Entertainment, Design – TED talk*, out./2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br.

ARAUJO, Débora Cristina de. Relações étnico-raciais na Literatura Infantil e Juvenil: a produção acadêmica *stricto sensu* de 2003 a 2015. *Relatório Final de Estágio Pós-Doutoral* (PPG em Educação), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

ARAUJO, Débora Cristina de, Geane Teodoro Damasceno & Regina Godinho de Alcântara. Meninos negros na literatura infantil e juvenil: corpos ausentes. *Revell: Revista*

de Estudos Literários da UEM, v. 2, p. 284-310, 2020. Disponível em: <https://periodico-online.uems.br/index.php/REV/article/view/4732>.

ARAUJO, Débora Cristina & Luís Thiago Freire Dantas. “Pra entender o erê tem que tá moleque”: as infâncias de João e Maria em Lázaro Ramos. *Verbo de Minas*, v. 21, p. 194-211, 2020. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/verboDeMinas/article/view/2471/1684>.

ARAUJO, Débora & Thiara Cruz Oliveira. A fruição literária na literatura infantil africana. *Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp.*, Salvador, v. 30, n. 62, p. 76-88, abr./jun. 2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-70432021000200076&lng=pt&nrm=iso.

AUERBACH, Patrícia. *Eu também*. Ilustrações de Isabela Santos. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021.

CAJÉ, Marcos. *Themba: o menino rei*. Ilustrações de Cau Luís. Salvador: Ereginga Educação, 2002.

CARVALHO, Caroline. *A mãe que voava*. Ilustrações de Inês da Fonseca. Belo Horizonte: Aletria, 2018.

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. Quando o preconceito se faz silêncio: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Gragoatá*, Niterói, n. 24, p. 203-219, 1. sem. 2008. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33169/19156>.

DEBUS, Eliane. *A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens*. São Paulo: Cortez, 2017.

EVARISTO, Conceição. A escriturabilidade e seus subtextos. Constância Lima Duarte & Isabella Rosado Nunes, orgs. *Escriturabilidade: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FÁTIMA, Ana. *Tunde e as aves misteriosas*. Ilustrações de Salamanda. Salvador: Ereginga Educação, 2020.

FAUSTINO, Oswaldo. *Iori descobre o sol – o sol descobre Iori*. Ilustrações de Taísa Borges. São Paulo: Melhoramentos, 2015.

FÉLIX, Andreza. *Meia curta*. Ilustrações de Santiago Régis. Belo Horizonte: Mazza, 2020.

FERNANDES, Maria Celestina. *Kalimba*. Ilustrações de Brunna Mancuso. São Paulo: Kapulana, 2015.

FIGUEIREDO, Janaína de. *Sapatinho de Makota*. Ilustrações de Camillo Martins. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.

FRANÇA, Rodrigo. *O Pequeno Príncipe Preto*. Ilustrações de Juliana Barbosa Pereira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

GOUVEA, Maria Cristina Soares. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 77-89, 2005.

JUREWSKI, Aisha Tuanny Sant'Anna. *Afrofuturismo e Educação das Relações Étnico-Raciais em língua inglesa: ancestralidade na concepção de futuros*. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2024.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. *O rei mocho*. Ilustrações de Americo A. Mavale. São Paulo: Kapulana, 2016.

LESTRADE, Agnes. *A árvore da chuva*. Ilustrações de Claire Degans. Rio de Janeiro: Viajante do Tempo, 2016.

LIMA, George. Literatura de ficção afrofuturista no Brasil. *Terra roxa e outras terras*, Londrina. v. 4, n. 2, p. 56-68, dez. 2024. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/50305/51150>.

LOPES, Felipe Martins. Meninos negros e literatura: um novo olhar sobre a representatividade masculina negra na literatura infantil. *Relatório de Iniciação Científica*. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2024.

MABANCKOU, Alain. *Irmã-estrela*. Ilustrações de Judith Gueyfier. São Paulo: FTD, 2021.

MACHADO, Ana Maria. *Menina bonita do laço de fita*. Ilustrações de Claudius. São Paulo: Ática, 2008.

MARCELINA, Elaine. *Beata, a menina das águas*. Ilustrações de Vagner Amaro. Rio de Janeiro: Malê. 2021.

MBODJ, Souleymane. *Diarabi e Mansa*. Ilustrações de Judith Gueyfier. Rio de Janeiro: Editora Viajante do Tempo, 2016.

MEIRELES, Ariane Celestino & Edileuza Penha de Souza. *Princesas negras*. Ilustrações de Juba Rodrigues. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

MORA, Oge. *Sábado*. Trad. Stephanie Borges. Cotia: VR Editora, 2021.

MOROSINI, Marília Costa & Cleoni Maria Barboza Fernandes. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. *Educação Por Escrito*, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul.-dez. 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/poescrito/article/view/18875/12399>.

MOROSINI, Marília Costa, Lorena Machado do Nascimento & Egeslaine Nez. Estado de conhecimento: a metodologia na prática. *Humanidades & Inovação*, Palmas, v. 8, n. 5, p. 69-81, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4946/3336>.

OLIVEIRA, Kiusam. Literatura negro-brasileira do encantamento e as infâncias: reencontrando corpos negros. *Feira Literária Brasil – África de Vitória-ES*, v. 1, n. 3, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/flibav/issue/view/Flibav2020>.

OTÁVIO JÚNIOR. *De passinho em passinho*. Ilustrações de Bruna Lubambo. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021.

PEREIRA, Simone dos Santos & Iracema Santos do Nascimento. Literatura infantil com personagens negras: narrativas descolonizadoras para novas construções identitárias e de mundo. *Espaço Pedagógico*, Passo Fundo, v. 27, n. 2, p. 481-495, maio/ago. 2020.

PESTANA, Cristiane Veloso de Araujo & Marcos Vinicius F. de Oliveira. A morenização predominante na literatura infantil: um projeto de apagamento da identidade negra. *Verbo de Minas*, v. 21, n. 37, p. 150-169, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://seer.unia-cademia.edu.br/index.php/verboDeMinas/article/view/2525/1681>.

SACRAMENTO, Evelyn. *Menina Nicinha*. Ilustrações de Bárbara Quintino. Salvador: Lendo Mulheres Negras, 2021.

SANTO, Taís Espírito. *Ashanti: nossa pretinha*. Ilustrações de Cau Luis. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

SILVA, Ayodele Floriano, Maria Fernanda Luiz & Anete Abramowicz. Literatura infantil e juvenil negra: lugar da menina negra. *Zero-a-Seis*, Florianópolis, v. 24, n. Especial, p. 1667-1685, dez., 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/87379/52205>.

SILVA, Cidinha da. *O mar de Manu*. Ilustrações de Josias Marinho. Belo Horizonte: Yellowfante, 2021.

SOUSA, Marília Rosalia Cordeiro Antas de & Roseane Amorim da Silva. Personagens negros/as na literatura infantil afro-brasileira: reflexões sobre a construção da identidade de crianças negras. *Caderno de Aplicação*. Porto Alegre, v.36, n.1, jan./jun.2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/131104/89569>.

TODARO, Mônica de Ávila & Alesandra Cristina de Carvalho. Literatura infantil e as relações raciais: uma mirada sobre as obras contemporâneas. *EccoS – Rev. Cient.*, São Paulo, n. 66, p. 1-17, e25026, jul./set. 2023. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/25026>.

TRISTÃO, Waldete. *O quintal das irmãs*. Ilustrações de Rodrigo Andrade. Rio de Janeiro: Zahar, 2024.